Não desespere, confie no Brasil

29 NOV 1993

IGNÁCIO DE ARAGÃO

Quando se olha o panorama nacional, com essas revelações de ladroagens vindas de quem nunca se esperava, feitas na CPI do Orçamento, dá uma tristeza de doer, parece que o Brasil vai acabar. As ilusões estão sendo perdidas, uma a uma. O Executivo que estava praticamente parado há um ano, imobilizou-se de vez, ficou só esperando que o ministro Fernando Henrique, o operário-padrão do Governo, tire o coelho da cartola e faça o milagre. Se conseguir, se mostrar que além de sociólogo também é mágico, tudo bem. Mas, se não conseguir, aí não dará mais tempo para outra tentativa, tudo terá ido para o brejo, e nós juntos.

O Legislativo ficou paralisado com o choque, coisa nunca vista; agora só se pensa em quem será o corrupto do dia. Parece até que os eleitores só mandaram corruptos para o Congresso, tantas foram as surpresas desconcertantes. O plenário não reúne quórum, as comissões, desertas, não produzem, a revisão constitucional, que se pensava fosse a nova salvação da Pátria, silenciou. Um passo adiante e dois atrás, quando se mexe. Se as esquerdas não a queriam, descobriram o meio de torpedeá-la; e a maioria, burra, deixou-se vencer pelo golpe de inteligência. Ao invés de tomarem decisões adultas, viris, machas, os que dirigem o Congresso só procuram pôr panos quentes, conciliar, contornar, transigir, buscando inacreditáveis soluções de compromisso com a minoria aguerrida, que se sente gerando os fatos e determinando o comportamento. A Câmara virou a casa do medo. Ninguém quer falar com ninguém, temendo vir a ser o próximo a ser envolvido no "processo". Uns têm medo dos outros, todos têm medo dos petistas, os senhores da situação, os donos do jogo. Parece uma piada, mas é verdade. Quando Zé Genofino aparece, é como se tivessem chegado o Marquês de Olinde, o Visconde de Ouro Preto ou o Senador Pinheiro Machado, vão logo puxando a melhor cadeira para ele sentar, desmancham-se em medidas e salamaleques, para merecer dele a piedade de um simples "ôi, camarada!". Até passaram a gostar de ser tratados como "camaradas", como se isso fosse um salvo-conduto perante a CPI do sena-

dor Passarinho. Se quem chega é o Zé Dirceu, então, a cena é pior: o pavor toma conta de todos, é como se, de fato, o Béria tivesse ressuscitado e baixado na Praça dos Três Poderes. Isso na Câmara; do Senado, não se tem a mínima notícia, salvo quando, excepcionalmente, movidos por uma cívica ira, os senadores Simon ou Sarney ali fazem os seus discursos. Fora disso, tem-se a impressão de que nem existe mais, que já tomou as férias de fim de ano. Decididamente, não há mais homens como Auro Moura Andrade, Nilo Coelho, Adauto Lúcio Cardoso ou Ulisses Guimarães. Foi uma geração que não se repetiu.

Assim, meus ilustres considerados, é o retrato do Brasil do meio e do lado esquerdo da bela Praça dos Três Poderes. No lado direito, fica o Judiciário, ouvindo desaforos todo dia, insinuações, ironias, ameaças de que o pessoal da KGB também vai descer lá. Não reagem porque estão acima dessas baixarias e juiz não fala, escreve.

A Praça fica quase deserta durante o dia, soturna à noite, as luzes mortíferas ajudando a espalhar o medo, a dúvida, deprimindo os pensamentos difusos e inquietos. Fora dali, nos bares dos hotéis, antes tão concorridos, nem boatos correm mais, não ousam, e, no comércio das quadras, as lojas fecham mal o sol se põe. Até o Florentino deixou de funcionar às segundas-feiras, mau sinal.

Porém, apesar de tudo isso em Brasília, o Brasil, o verdadeiro, daqueles que não temem a própria morte, prossegue trabalhando como se as desditas da CPI não fossem com ele. Os agricultores continuam plantando, mesmo sem a liberação do financiamento. As indústrias fabricando, com ou sem crédito. O comércio vendendo, independente dos preços altos e desencorajadores. Os aviões estão lotados, as escolas com o mesmo sorriso das crianças e dos jovens, ainda que os professores permaneçam em greve quase o ano todo. É que o Brasil vive e pulsa, independentemente do Governo e do Legislativo. É eterno, imorredouro. Não desespere, confiem nele. Um sol claro e brilhante há de levantar-se de novo. Fé, irmãos!

■ *Ignácio de Aragão é advogado e jornalista*